

Pesquisa

O OBJETO-LIVRO NA RELAÇÃO ENTRE O LEITOR E A LEITURA: DO GUARDAR AO RELEMBRAR*

Ilsa do Carmo Vieira Goulart **

lsa.vieira@uol.com.br

*Este trabalho, com algumas alterações, foi apresentado no 10.º Encontro em Educação da Região Sudeste - Anpedinha 2011 -, na UFRJ, RJ.

**Doutoranda em Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Integrante do Grupo de Pesquisa ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita. Orientanda da Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Resumo

Este artigo desenvolve-se com o objetivo de apresentar os principais resultados obtidos a partir dos indícios dispostos na pesquisa de Mestrado, desenvolvida na FE-UNICAMP, vinculada ao grupo de pesquisa ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita – e intitulada *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*. O texto procura destacar elementos presentes no ato de guardar o objeto-livro por décadas. O trabalho articula-se com o intuito de compreender o vínculo que se estabelece entre o leitor e a leitura tendo a materialidade do livro como objeto propulsor dessa relação. Ao destacar as distintas maneiras de uso e cuidado que acompanharam o ato de se conservar o impresso, foi possível perceber, por meio dos depoimentos a respeito das experiências de leitura, que o livro pode significar algo mais do que um simples objeto. O livro ganha evidência ao trazer, em sua materialidade, marcas reveladoras de uma ação ledora significativa para o leitor.

Palavras-chave: Livro. Leitor. Leitura. Ato de guardar.

Introdução

*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Antônio Cícero*

Este texto é resultado de uma pesquisa que assumiu como proposta investigativa compreender a relação entre o leitor e a leitura intermediada por um objeto-livro. O trabalho parte da premissa de que a materialidade

do impresso pode ser desencadeadora de ações e de relações do leitor com a atividade leitora. Para a realização de tal propósito, utilizou-se de entrevista com pessoas que, em circunstâncias distintas, guardaram consigo um material de leitura do período em que estudaram, num ato de conservação, reencontro ou legado de um material de leitura.

Ao trazermos para análise os depoimentos de pessoas guardadoras de um objeto-livro, verificamos maneiras distintas de guardar, que aparecem interligadas a uma prática que o acompanha no decorrer do tempo. Observamos que o ato de guardar um material de leitura, por décadas, pode estar repleto de sentidos e de representações, como nos dizeres da epígrafe para *iluminá-lo ou ser por ele iluminado*, conservar um objeto-livro se mostra uma ação significativa para o leitor, envolta de lembranças e sentimentos.

A partir da constatação de que uma senhora guardava consigo os livros do período em que estudara, a pesquisa desenvolveu-se movida pela indagação do que levaria uma pessoa a conservar durante tanto tempo um material de leitura? Que sentidos, valores e sentimentos estariam agregados ao objeto-livro?

Um questionamento que se põe em proximidade às inquietações de Manguel (1997, p.269): por que guardar um livro, sabendo-se que ele não será lido novamente?

Enquanto ergo pilha após pilha de volumes familiares (reconheço alguns pela cor, outros pela forma, muitos por detalhes nas capas, cujos títulos tento ler de cabeça para baixo ou de um ângulo esquisito), pergunto-me, como já fiz tantas vezes, por que guardo tantos livros que sei que não lerei novamente. Digo a mim mesmo que, sempre que me desfaço de um livro, descubro dias depois que era exatamente aquele que eu estava procurando.

Embora os motivos que levam o leitor a guardar um material de leitura não estejam minando em evidência, ele não abre mão de ter consigo seus livros. Deseja-se possuí-los independente da necessidade da leitura ou de uma releitura; o que está em jogo é a posse do objeto-livro,

cingida por atitudes mantenedoras e cuidadosas a fim de preservar sua materialidade contra o desgaste do tempo.

Outra questão posta por Manguel (2010)¹ - "Por que em certos momentos de nossa vida escolhemos a companhia de um livro mais que outro?" - permite pensar como se constitui essa relação do leitor com a materialidade do impresso, impulsionando-o e direcionando suas ações e escolhas, como a de querer veementemente ter consigo um determinado livro ou de querer guardá-lo, sem a intenção de leituras posteriores.

Este artigo parte rumo da compreensão dessa ação guardadora, utilizando-se de lembranças das experiências de leitura como objeto de análise, tendo, como *corpus* de pesquisa, as narrativas de senhores e senhoras acima de cinquenta anos, entendendo que a utilização do termo "objeto de pesquisa", quando este é um sujeito, segundo Bosi (1994), pode ser um tanto repugnante, para quem trabalha com Ciências Humanas, por, talvez, considerar *sujeito* como uma redução à coisa, o que não é nossa intenção no desenvolver deste trabalho.

Se, segundo Borges (1985, p.79), "somos feitos, em larga medida de memória", somos, então, o resultado de uma grande somatória de vivências, apesar de que nem todas as experiências vividas ficam retidas na memória, a qual trabalha em processo de seletividade; ela opera com arquivos de exclusão e inclusão e boa parte daquilo que se vivencia, também se perde no esquecimento.

Na tentativa de evitar que parte de experiências de leitura, presenciadas e/ou vivenciadas junto a um objeto-livro se percam, é que Borges (1985) atribui ao livro a função de objeto favorecedor da memória,

¹ Cf. MANGUEL, A. Um livro para cada ocasião. *Revista Le Monde Diplomatique Brasil*. Ano 3, n. 33, Abril de 2010. Disponível em:

http://diplomatique.uol.com.br/edicoes_anteriores.php?pagina=2. Acesso em 20/05/2010.

uma espécie de prolongamento da imaginação e de tudo o que foi possível vivenciar com o material de leitura:

Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio soa extensões de sua visão; o telefone é a extensão de sua voz; em seguida, temos o arado e a espada, extensões de seu braço. O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação. (BORGES, 1985, p.5)

A pesquisa mostrou-nos que a ação de guardar um livro de leitura não se procedeu da mesma maneira entre os leitores entrevistados. Os depoimentos possibilitaram-nos identificar três modos distintos do ato de guardar, o qual apareceu intimamente ligado à ação do leitor com e sobre tal material de leitura. Neste texto, procurar-se-á descrever tais formas de conservação de um livro, durante décadas, a partir da descrição e análise de diferentes relatos sobre experiências significativas de leitura, tendo o livro como objeto substancial de cumplicidade nessa relação leitor-leitura.

O livro como um objeto concreto de leitura

À palavra escrita impressa sobre as páginas de um livro é atribuída a condição de um artefato estático, único e sem vivacidade, em comparação com a palavra falada que realça sua expressividade, sua fluência, dinamismo e efemeridade. Uma expressão comentada por Manguel (1997): “a escrita fica, as palavras voam” sugere várias possibilidades interpretativas, entre elas, uma parece ideal para a discussão proposta neste artigo: a escrita como algo imóvel, como aquilo que permanece, que perdura, em contraposição às palavras ditas e ao sentido que se atribui a elas, pois *podem voar*, e quem confere *asas* às palavras é o próprio leitor:

A frase clássica *scripta manent, verba volant* – que veio a significar, em nossa época, “a escrita fica, as palavras voam”

– costumava expressar exatamente o contrário: foi cunhada como elogio à palavra dita em voz alta, que tem asas e pode voar, em comparação com a palavra silenciosa na página, que está parada, morta. (MANGUEL, 1997, p.61)

A ação do leitor pode mudar a condição das palavras, pode transformá-las em algo diferente do que elas aparentam, pode oferecer-lhes “vida” numa produção de sentidos através da leitura, o que nos declara Goulemot (2001, p. 108) “ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências”. Não se trata apenas da pronúncia das palavras em voz alta, mas de como o leitor se apropria das expressões escritas, do como as articula, sente e expressa-as, para si mesmo e para o outro, e de como se procede a interação com o suporte que as acompanha, que concretiza a existência de tais palavras: “as relações com o livro, isto é, a possibilidade de constituir sentido, se dão por meio dessas atitudes do leitor.” (GOULEMOT, 2001, p. 108)

Nossos estudos direcionam-se para o mesmo tema levantado por Manguel (1997): *há algo em relação à posse de um livro*. Mas o que poderia haver de tão significativo na relação entre o leitor e a materialidade do objeto livro? Ao trazer a materialidade do impresso como objeto de análise, evidencia-se o quanto o livro torna-se envolvente, enquanto objeto físico, após a realização da leitura. Há algo que o identifica, que o caracteriza além do seu conteúdo:

Minhas mãos, escolhendo um livro que quero levar para cama ou para mesa de leitura, para o trem ou para dar de presente, examina a forma tanto quanto o conteúdo. Dependendo da ocasião e do lugar que escolhi para ler, prefiro algo pequeno e seus títulos, seus autores, seus lugares num catálogo ou numa estante, pelas ilustrações em suas capas; declamam-se também pelo tamanho. Em diferentes momentos e em diferentes lugares, acontece de eu esperar que certos livros tenham determinada aparência, e, como ocorre com todas as formas, esses traços cambiantes fixam uma qualidade preciosa para a definição

do livro. Julgo o livro por sua capa; julgo o livro por sua forma. (MANGUEL, 1997, p.149)

Percebe-se, nesse excerto, que, para o leitor, em determinadas ocasiões de escolha do que se ler, a forma do livro está em mesma medida de valor que o seu conteúdo. Sua forma física, sua constituição substancial assumem uma posição de destaque para que o leitor execute a ação ledora. A materialidade do impresso parece que se sobrepõe ao texto, demonstra certo grau de importância quando, em sua configuração material, provoca e desencadeia, no leitor, uma leitura primeira e uma ação decisiva de escolha entre: ler ou não ler, levar ou não levar, comprar ou não um determinado livro.

O leitor, por sua vez, não deixa de ostentar certo domínio sobre o texto. Aparece como aquele que controla a leitura através da posse do objeto-livro, como o dirigente da ação ledora, do desenrolar da própria história, selecionando o que quer ler, quando, onde e de que forma se efetivará a leitura, porque, naquele instante, a *história*, o escrito está em suas mãos:

O que acontecia, acontecia no livro, e eu era o narrador. A vida acontecia porque eu virava as páginas. Acho que não posso me lembrar de nenhuma alegria mais compreensiva do que a de chegar às últimas páginas e por o livro de lado, para que o final ficasse pelo menos para o dia seguinte, e mergulhar no travesseiro com a sensação de ter realmente parado o tempo. (MANGUEL, 1997, p.177)

A consideração de Chartier (1999, 2002) de que o texto não existe, por si só, fora de uma materialidade, de que não há um texto longe do suporte que o sustenta, que o dá a ler ou a ouvir, leva-nos a afirmar que o leitor, para aproximar-se do texto, para efetivar o ato de ler, percorre, primeiramente, o seu suporte, uma relação entre leitor e livro marcada pela efusão de ações sensoriais.

Contra toda representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de

qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. (CHARTIER, 2002, p.126)

Há uma interação do leitor com o objeto-livro, produtora de sentidos que ocorre precedente à leitura de um texto. Uma relação concreta e material que põe à disposição uma leitura exterior, a qual garante a possibilidade de tocá-lo, de sentir sua textura e forma; de visualizá-lo e perceber suas cores, imagens e atrativos; de folhear suas páginas, ouvi-las e apreciá-las.

Darnton (1990, p.169), ao escrever sobre a história dos livros, discute essa questão da materialidade e afirma que o contato com a palavra impressa afeta a maneira de pensar dos homens. O autor menciona que os estudos a respeito dos livros, como objeto físico, demonstram que a disposição tipográfica de um texto pode determinar, de forma considerável, a maneira como ele será lido. Os textos possuem propriedades tipográficas que orientam a reação do leitor, a materialidade influencia a recepção de uma obra pelo fato de que "o formato de um livro pode ser decisivo para o seu significado".

Tais ações nos colocam diante de uma leitura intermediada por seu suporte, no caso, o livro, enquanto objeto físico, que se apresenta neste texto como um artefato guardado, procurado ou legado. Um material que traz consigo representações e sentidos atribuídos pelo seu leitor-possuidor, revelador de características determinantes de um tempo e lugar.

Diferentes perspectivas do ato de guardar um livro

A princípio, a pesquisa moveu-se pela crença de que somente se encontrariam pessoas que conservassem consigo o livro “*original*”², ou melhor, o mesmo livro utilizado na época da escolarização. No entanto, defrontamo-nos com uma situação diversa do ato de guardar, que se mostrou de um valor inestimável para a elaboração deste trabalho, que foi a constatação de que a ação de conservar o livro poderia assumir diferentes conotações entre a busca e o fato de ser um objeto legado.

Algumas pessoas não tinham o livro do período em que estudaram, mas tinham consigo outro exemplar do mesmo livro. Um fato que redirecionou o trabalho a um olhar para as atitudes de busca – além das ações guardadoras – e para as possíveis causas que levariam o leitor a um reencontro do objeto de leitura. A principal característica do reencontro do livro para pessoas estava na moção interior de posse, visto que em um determinado momento de suas vidas, sentiram-se movidas a procurá-los e tê-los novamente consigo. Isso se efetuou por motivos semelhantes entre eles, embora os meios para aquisição fossem bem específicos.

Portanto, o guardar o livro, pelos leitores selecionados, se apresentava em três situações distintas: guardar o mesmo livro estudado, guardar outro exemplar do livro e guardar o livro de outra pessoa.

a) Conservar o livro *original*

Denominou-se esta ação de guardar como *original*³, pois, neste caso, o portador do material conservava consigo, durante décadas, o mesmo livro

² Optamos pela utilização do termo “original” para identificar este livro como o mesmo exemplar usado no período de escolarização do entrevistado.

³ Nessa categoria encontramos cinco pessoas que guardaram o material de leitura do período em que estudaram: E. M., com a série graduada *Meninice*, de Luís Gonzaga Fleury; B. G., com a cartilha *Lalau, Lili e o Lobo*, de Rafael Grisi; D. S., com o livro *Tesouro da Criança*, de Antônio D’Ávila; C. F., com o almanaque *Jeca Tatuzinho* de Monteiro Lobato e V. K. com a *Coleção Reino Infantil*.

de leitura que usara na sua fase escolar. Pessoas que, apesar do tempo, das situações de vida, das mudanças de casa ou cidade, não se desfizeram do livro, traziam-no consigo e por ele cultivavam um grande afeto.

O livro, nessa situação, não se restringia apenas a um material de leitura de primeira série, um fato que nos levou a repensar nosso primeiro propósito da pesquisa, cujo objetivo era localizar o livro utilizado na primeira série escolar por uma determinada pessoa.

Diante disso, assumimos uma nova postura e tomamos, como novo propósito, questionar pessoas que guardaram o seu primeiro livro de leitura, ou ainda, um material de leitura significativo da sua infância, não somente restrito à primeira série, mas que poderia estar ligado a outras séries do ensino primário.

O material de leitura, denominado *original*, inclui cartilha, livro de literatura infantil, séries graduadas, livro de poesia e almanaque, guardado durante um período de tempo que varia entre 50 a 64 anos de conservação.

Ao questionarmos os leitores sobre os motivos que os levaram a guardar tal material, obtivemos diferentes respostas, muitas delas associadas ao que o objeto-livro representava para o depoente, geralmente, sob uma atribuição valorativa ou sentimental:

B. G. – É... o fato de carinho, aquela relação, mesmo de companheirismo, porque naquela época, não tínhamos tanto material como tem nos dias de hoje: livros, revistas, é... guardei como se fosse uma joia, como quem guarda uma fotografia, uma joia, um cartão, então ter um livro era como se fosse uma joia.

(...) É a volta ao passado, naquele tempo ingênuo, gostoso, tranquilo.

Percebe-se pela repetição da palavra joia que ao objeto-livro é atribuído certo valor, agregado a um sentimento de companheirismo, ou seja, um objeto presente, que compartilha atos de leitura realizados, pelo leitor em certo tempo da sua vida. Tal presença aparece relacionada a uma ação ledora como fruição, como um momento de prazer e gozo, efetuado com e/ou sobre o livro, que tem presença única, determinada, não pela escolha, mas pela ausência de outros materiais de leitura ou de brinquedos.

Em outro depoimento, a relação entre sujeito e objeto-livro vinculada a um momento da vida do leitor, parece ficar mais evidente. A infância revela-se um período significativo, e guardar o livro é conservar, com ele, todas as emoções e sentimentos de um tempo:

O que a levou a guardar este livro?

D. S. – Ah, eu acho que, pra ser sincera, não sei, acho que pra guardar alguma coisa da infância, né, não sei se isto é bom! [risos] Pra não deixar a infância acabar de veis, então, vamos guardar este livro aqui. [risos] Não, é porque foi uma época muito boa, né, então, eu acho que a gente sente necessidade, vontade de guardar alguma coisa pra gente poder ta relembando, né, aquele tempo. Tenho mania de guardar coisas assim.

(...) Agora eu vejo que ele tem um significado muito grande, né, e pensei esses dias vou passar pra mostrar pra minha neta, que talvez, aqui tem muitas histórias que vai servir, no dia de hoje pra lê vê, como essa do animal que pede pro dono não maltratar, né, e outras que tem aqui. Eu acho que pra mim hoje ele é uma joia.

No relato de E. M. torna-se perceptível outro momento específico da vida, o período escolar. O estudo ganha destaque e valor, para essa depoente, que se refere às atividades escolares com emoção, por representar um período oportuno de aprendizagem, de conhecimento e de amizades, o qual lhe fora marcante:

E. M. – Ah, eu guardei, porque é uma coisa eu... que me deixa muito feliz, nunca podia perder, eu fiquei muito contente e feliz, então, eu ia deixar estragar tudo, não podia deixar, então os outro nem ligava, deixava jogado pra que e pra li, e eu como eu gostava e fiquei muito feliz quando eu ganhei, então, eu também tinha a honra de guarda, pra poder mostrar pros meus fios (...) Mais eu tinha a maior felicidade de quando tava chegando a hora da aula, pra gente juntar tudo ali e ficava feliz da vida, então foi, nossa, uma coisa que eu guardei do meu coração, foi os meus objetos.

(...) Eu tenho muita alegria, sabe, eu fico muito feliz de servi tanto pra mim e agora ta servindo pra você, né, e... serviu pros meus filhos. Vê, meu marido quando casei, eu mudava pra aqui, mudava pra li, meus livrinho ia junto, então, agora sinto muito honrada, feliz, que esses tanto de ano que tem, ainda serve pra você.

Ao falarem a respeito dos sentimentos, valores e sentidos que teria tal material, revelou-se, também, que, atrelado a um momento, estaria uma estreita relação de afetividade e de agregação de valor ao objeto-livro, por este representar uma pessoa admirável e respeitável para eles:

V. K. – Foi essa gratidão que eu tenho a meus pais, o respeito, porque eles eram pessoas que não eram pessoas ricas, né, eles viviam do trabalho deles, e custava caro eles conquistarem isso pra mim, então, eu acho que é obrigação minha preservar isso, obrigação, além da imensa gratidão que eu tenho por eles.

(...) Olha... São joias, são joias preciosas, porque eles não existem mais, infelizmente, a juventude hoje, não dá valor que a gente dava, eu vejo isso pelos meus filhos, por mais que eu fale, que eu mostre, eles são muito informatizados pela internet, mas é ... hoje, é tudo muito descartável. Então, pra mim, estes livros, esta coleção são joias, realmente joias.

C. F. – Esse livro é o tesouro que eu guardo com todo o carinho, com todo cuidado. Porque é a lembrança do meu pai, que foi a figura masculina... mais importante da minha vida...

A valoração atribuída ao objeto-livro passa de um estatuto restrito a uma relação individual, entre o sujeito e seu material de leitura, para uma

dimensão interpessoal, numa relação entre o sujeito e o outro, intermediada por uma ação ledora e concretizada através de um livro.

b) O livro *(re)encontrado*⁴

No trajeto da pesquisa, deparamo-nos com pessoas que diziam ter o livro, mas não o mesmo do período em que estudaram, ou seja, falavam da ação de guardar outro exemplar do livro, uma circunstância na qual a pessoa não traz consigo o mesmo objeto que esteve presente no momento da alfabetização ou da escolarização, mas nos apresentava outro exemplar do livro de leitura e com ele o anseio pelo *(re)encontro*.

Algumas pessoas, em um determinado momento de suas vidas, sentiram-se movidas a procurar o seu primeiro livro de leitura. Impulsionadas por um desejo de possuí-los novamente, foram buscá-lo em sebos, na própria editora ou em bibliotecas escolares.

Embora passasse muito tempo, havia uma necessidade de ter consigo mais uma vez o objeto-livro. Uma busca determinada ora pela profissão, por considerar esse objeto-livro uma referência para o magistério, pelas características metodológicas nele desenvolvidas; ora pelas histórias nele contidas, por trazer uma narrativa marcante e envolvente ou, ainda, pelas vivências e experiências de leitura e por tudo que ele, o livro, representara. Ao serem questionados sobre como adquiriram novamente o material de leitura, obtivemos o seguinte relato:

⁴ Encontramos três pessoas que foram movidas pelo desejo de ter novamente seu primeiro livro de leitura:

N. C., com o livro *A Bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa de Oliveira; P. M., com a série *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta e M. H. com as *cartilhas Sodré*, de Benedicta Stahl Sodré, *Lalau*, *Lili e o Lobo*, de Rafael Grisi e o livro, *A Poesia na Escola*, de Lúcia Casasanta.

N. C. – É... o que eu li era da biblioteca da escola, depois... por muito tempo eu vivia procurando *A bonequinha preta*, porque eu queria guardar, e não encontrei, é... quando aconteceu uma reedição dele, deixa eu ver a data, [procurando no livro] ele foi reeditado várias vezes, aqui, inclusive na homenagem que é feito à autora Alaíde Lisboa, que é a autora do livro. [procurando no livro] Quando a Alaíde completou... o livro completou 50 anos de existência, aí, ele foi reeditado, sabe, depois, nessa segunda edição foi que eu consegui, aí guardei como relíquia, dei para meus netos lerem, todos leram [risos] na fase da primeira série.

Nota-se que adquirir novamente o objeto-livro pode estar relacionado a uma atividade de incansável procura, nem sempre fácil, mas dotada de perseverança, insistência na busca. A alegria de reencontrá-lo, não compreendia um sentimento de individualidade, mas compartilhado com vários membros da família:

P. M. – Olha bem, adquirir estes era muito difícil, ainda mais que as famílias eram... não tinham tantas condições, naquela época era, era muito duro, chorava mesmo, até para conseguir livro. Muitas vezes era emprestado, ficava de um irmão para o outro, e eu de uma família grande, família de dez irmãos, imagina, né, dava pra aproveitar um pouco. Então, eu sei que vários irmãos meus sabe deste livro, minhas irmãs, e lá em casa é assim, como se fosse um gosto. Todo mundo gosta deles, chegar lá... isso daqui, quando eu consegui... esse daqui eu não consegui o original, eu corri atrás e encontrei num sebo em Belo Horizonte e mandei tirar xérox de todos os livros, e por isso que eu tenho, e rep... isso passou pra mãos das minhas irmãs e dos meus irmãos e eles relembando das... das histórias, muito importante, ele não é só individual, ele era familiar.

Outras vezes, a procura se mostra como um verdadeiro acaso, como algo que, simplesmente, aparece diante dos olhos:

M. H. – Encontrei esses livros na escola em que lecionei por algum tempo. Eles estavam destinados ao descarte, considerados incompatíveis com a nova ortografia. Nessa ocasião requisitei-os para meu uso.

Embora se trate de outro exemplar, que não tragam as marcas de uso próprio ou de um período em que estudaram, os livros revelaram os mesmos sentidos afetivos e valorativos, encontrados nos depoimentos dos livros *originais*, diferenciando-se os motivos que desencadeiam tais sentimentos. O objeto-livro, neste relato, se mostra significativo pelas histórias nele contidas:

P. M. – Hoje, eu vou falar assim, que é uma relíquia, no bom sentido é claro, não para ficar guardado, mas para se ler, um sentimento de alegria, que quero até agradecer a Deus por ter conhecido, né, estas histórias, porque elas fizeram parte da minha formação, elas ajudaram para minha fé, para minha educação moral, para minha educação cívica diante da sociedade, da forma como Lúcia Casasanta, realmente, conseguiu reunir histórias da literatura grega, da literatura latina, né, da literatura brasileira, contando através de diversas formas, claro que não é completo, porque o arquivo literário é muito grande, mas realmente, é... trouxe pra gente, dá o gosto de aprender a contar histórias.

No depoimento de N. C., a procura do livro aparece vinculada a um tempo escolar específico: a alfabetização. Por iniciar o ano letivo já com domínio da prática ledora, a professora lhe permitira a permanência desse livro como leitura extraclasse (um tratamento que fora diferenciado dos colegas); ao objeto-livro é agregado sentimentos de reconhecimento e valorização pessoal:

N. C. – Olha eu fui alfabetizada em uma cartilha, que na época se chamava: *Cartilha da Lili*, mas não sei o autor, não sei nada, porque eu era criança, e a gente não tinha interesse de querer saber, mas como eu me destaquei e comecei a ler primeiro que os outros, então a minha professora arrumou uma leitura intermediária pra mim e essa leitura intermediária foi *A Bonequinha Preta*, [pegou o livrinho e mostrou] que eu amo, tenho o maior carinho. E no começo quando eu lia *A Bonequinha Preta*, eu chorava de dó da bonequinha, porque na minha cabeça eu dava vida pra boneca, sabe, então, quando ela caiu no tabuleiro do verdureiro, né, eu chorava de dó da bonequinha, sabe, mais o que eu me lembro bem foi isso, nós fomos alfabetizados

com a Cartilha da Lili, que começava com as vogais, depois ia juntando as sílabas e por último a leitura intermediária, que pra mim foi *A Bonequinha Preta*.

Conservar um livro garante a rememoração; ao guardá-lo, guardam-se lembranças, e com ele se assegura a possibilidade de reconstruir um momento da vida que não pode perder-se no esquecimento.

c) O livro legado⁵

Durante a procura de indivíduos *guardadores* de cartilhas antigas, encontramos uma pessoa que trazia consigo, não o seu próprio material de leitura, mas um material que lhe fora legado pela mãe. A ação de guardar um objeto-livro que pertencera a outra pessoa contribuiu para a constatação de um aspecto característico na composição da análise investigativa do trabalho.

Manter sob ternos cuidados um material sem ligação imediata com sua escolarização, sem o contato ou uso do próprio zelador, mas que foi deixado por alguém, o qual se revelara uma figura marcante e significativa em na vida do depoente, levou-nos a questionar como e quais elementos representativos estariam presentes nessa atitude diferenciada do ato de guardar:

M. B. – Eu tenho este livrinho como a presença da minha mãe, né, uma coisa, uma coisa que ela gostava, que ela respeitava, que ela ficou felicíssima o dia que ela conseguiu, que os meninos trouxeram para ela. Eu guardo como uma lembrança dela. Quando a gente começou a dar aula, também, no colégio, como professora de didática, que a gente dava a metodologia das matérias, mas o título que a gente tinha era de professora de didática e eu sempre

⁵ Encontramos uma senhora, M. B., 84 anos, que guardou o livro da mãe, a *Cartilha Nacional*, de Hilário Ribeiro.

falava, quando eu tinha que dar exemplo dos métodos antigos, que a gente estudava a evolução dos métodos e pensava assim, a minha mãe estudou quando era o método A, E, I, O, U, método alfabético.

Que significado tem hoje pra senhora este livro?

M. B. – Uma lembrança da minha mãe... A presença dela, a gente... as coisas que ela... através da poesia dela, das coisas que ela gostava.

O objeto-livro se mostra mais que uma simples recordação, ele representa, muitas vezes, a próprio possuidor, um material que insinua a presença daquele a quem um dia pertenceu.

A posse do livro: do guardar ao relembrar

Chartier (1999, p.154) questiona: “será que o mundo do texto existe sem leitor? E pode existir como objeto, mas, sem o leitor, o texto do qual é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência?”

Haverá apenas a existência em sua materialidade, porém, é o leitor quem atribuirá este valor determinante ao livro. O simbolismo que acompanha um objeto-livro dependerá do que este material pode representar para o leitor. Há uma aproximação do leitor com o seu livro, que o identifica e que o faz pertencente a quem o usa:

A associação de livros com seus leitores é diferente de qualquer outra entre os objetos e seus usuários. Ferramentas, móveis, roupas, tudo tem uma função simbólica, mas os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo do que o de um mero utensílio. A simples posse do livro implica uma posição social e uma certa riqueza intelectual. (MANGUEL, 1997, p.242)

Ter consigo um livro ou vários livros, durante um longo período de tempo, sem se desfazer-se deles, é uma atitude do leitor que requer certo destaque. O próprio Manguel descreve suas emoções, sensações com o

objeto-livro, uma relação que demonstra não apenas um apego material ou receio de um dia vir a precisar daqueles escritos, mas se evidencia uma relação entre leitor e leitura que se construiu com, sobre e através de um objeto concreto, que é o livro.

A atitude de não se desfazer dos livros revela o quanto se gosta de folheá-los, de encontrar perdido em suas páginas rabiscos, traços de leituras precedentes, pedaços de papel, entre outros sinais e marcas que levam a um momento vivido e sentido de uma experiência de leitura, ou, ainda, pelo fato de se ter consigo uma quantidade sempre avantajada de um material que guarda sua própria história de leitura:

Mas sei que a razão principal de me apegar a esse tesouro sempre crescente é uma espécie de ganância voluptuosa. Adoro olhar para minhas prateleiras lotadas, cheias de nomes mais ou menos familiares. Delicio-me ao saber que estou cercado por uma espécie de inventário da minha vida, com indicações do meu futuro. Gosto de descobrir, em volumes quase esquecidos, traços do leitor que já fui – rabiscos, passagens de ônibus, pedaços de papel com nomes e números misteriosos, às vezes uma data e um local na guarda do livro, levando-me de volta a certo café, a um quarto de hotel distante, a um verão longínquo. (MANGUEL, 1997, p.269)

Desfazer-se de um livro ou vários é desfazer-se de uma história de leitura vivenciada em cumplicidade com o objeto-livro. Deixá-lo pode significar a perda de parte de si mesmo, de parte de uma fase da vida, de lembranças contidas de um tempo que aquele determinado objeto desencadeia. Conservar a presença do objeto-livro pode representar a necessidade de se manter viva e presente as lembranças de um tempo da vida:

Eu poderia, se precisasse, abandonar esses livros e começar de novo, em outro lugar; já fiz isso antes, várias vezes, por necessidade. Mas então tive que reconhecer também, uma perda grave, irreparável. Sei que algo morre quando abandono meus livros e que minha memória insiste em voltar a eles com uma nostalgia pesarosa. (MANGUEL, 1997, p.270)

O livro torna-se um objeto remanescente, um material que conserva em sua materialidade marcas de uma determinada prática de leitura realizada com e sobre ele. Marcas de um determinado leitor, marcas de uma fase distinta da vida. Guardamos um livro porque ele guarda uma história de vida, um passado daquele que o possuiu:

Pego um dos livros remanescentes e percebo que várias páginas foram arrancadas por vândalos. Quanto mais decrépita minha memória, mais quero proteger esse repertório do que li, essa coleção de texturas, vozes e odores. A posse desses livros tornou-se fundamental para mim, porque agora sinto ciúme do passado. (MANGUEL, 1997, p.270)

Ler um livro pode significar muito mais que um simples ato decodificador, pode significar toda uma relação construída diretamente com e sobre a materialidade de um objeto-livro, uma relação que se efetiva, tanto pelo gosto e proximidade com o enredo da história, quanto pela ação íntima dos sentidos sobre o material de leitura: é possível tocar, cheirar, folhear, sentir o que se dá a ler, e deixar registrado, sobre as páginas do impresso, as expressões, as observações ou as ideias que se quer conservar a partir da ação ledora. As marcas que um livro traz podem ser reveladoras de uma prática de leitura, própria de uma determinada sociedade, ou de um determinado tempo histórico.

Conservar um objeto-livro pode significar, ainda, a retenção de um conhecimento. O livro presente é sinal e garantia de saber, é a manutenção da sabedoria e da intelectualidade:

Ocorre também que a posse física torna-se às vezes sinônimo de um sentimento de apreensão intelectual. Acabamos achando que os livros que possuímos são os livros que conhecemos, como se a posse, em bibliotecas como nas das cortes, nove décimos da lei; achamos que olhar para a lombada dos livros que chamamos de nossos, os quais obedientemente montam guarda nas paredes de nossa sala, prontos a falar conosco e somente conosco ao mero adejar das páginas, nos permitisse dizer "tudo isso é meu", como

se a simples presença deles já nos enchesse de sabedoria, sem que precisássemos abrir caminho por seus conteúdos. (MANGUEL, 1997, p.277)

Seja pela precisão de reter certo conhecimento; seja por representar uma etapa da vida, a infância; seja pelo fato de reconstituir as lembranças de uma experiência significativa de leitura e tudo o que ocorrera durante a realização dessa atividade; seja por representar aquele a quem um dia pertenceu, preservar um livro lido aparece como uma necessidade e um desejo veemente, porque o objeto-livro torna-se cúmplice do ato de ler e, por isso, é considerado único pelo leitor.

Ainda hoje, afogados como somos em dezenas de edições e milhares de exemplares idênticos do mesmo livro, sei que o volume que tenho nas mãos, aquele volume e nenhum outro, torna-se o Livro. Anotações manchas, marcas de um tipo ou de outro, um certo momento e lugar caracterizam aquele volume como se fosse um manuscrito inestimável. (MANGUEL, 1997, p.277)

A análise dos depoimentos possibilitou-nos verificar que a ação de guardar pode ser uma ação reveladora, não, simplesmente, da permanência substancial de um objeto-livro, por décadas, mas das representações de leitura nele contidas, ou melhor, por ser esse material de leitura provocador de ações e de memórias para o leitor. Nossos estudos verificaram que, contíguo ao ato de guardar, está um desejo de preservar as lembranças de um tempo de escola, de uma experiência de leitura, de uma infância e de pessoas significativas, às quais o livro esteve associado, fazendo-se presença marcante.

Abstract

This article aims to present the main results obtained from evidences found over a Masters Degree research whose title is *The book: object of study and memory of reading*. The work was developed in the Faculty of Education of UNICAMP,

which is related to the research group ALLE (Literacy, Reading and Writing). The text highlights elements that are found in the action of keeping the book for a long time. The article was thought so as to encompass the understanding of the relationship between the reader and reading, considering the book materiality as a triggering point for this relationship. On highlighting the different ways for using and care that accompanied the act to preserve the printing, it was possible to perceive – throughout testimonials of reading experiences – that the book can mean more than a simple object. The book gets palpability over this research, bringing revealing marks of a reading operation that is significant for the reader given its materiality.

Key words: Book. Reader. Reading. Keeping.

Referências

BORGES, Jorge Luis. **Cinco visões pessoais**. Tradução de Maria Rosinda da Silva. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória & Sociedade: lembranças de velhos**. 3.^a ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.

_____. **História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa: *Difel*; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **O livro: objeto de estudo e de memória de leitura**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2009. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Educação.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001, p. 107-116.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. Um livro para cada ocasião. **Revista Le Monde Diplomatique Brasil**. Ano 3, n. 33, Abril de 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/edicoesanteriores.php>. Acesso em 20/05/2010.

Obras citadas:

CASASANTA, Lúcia. **As Mais Belas Histórias**. 79.^a ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, [s/data]

D'ÁVILA, Antônio. **O Tesouro da criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

GRISI, Rafael. **Cartilha Lalau, Lili e o Lobo**. 45.^a ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956/1968.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. 13.^a ed. São Paulo, 1944

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1988.

RIBEIRO, Hilário. **Cartilha Nacional**. 244.^a ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1954.

SODRÉ, Benedicta Sthal. **Cartilha Sodré**. 250.^a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional: 1977.

MINAS GERAIS. Secretaria de Educação. **A Poesia na Escola**. Coletânea de Poesias Sugeridas pelos Programas de Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.

[s/ autor]. *Coleção Reino Infantil*. São Paulo: Editora LEP S/A, 1956.

Enviado em 04 de fevereiro de 2012
Aprovado em 20 de novembro de 2012